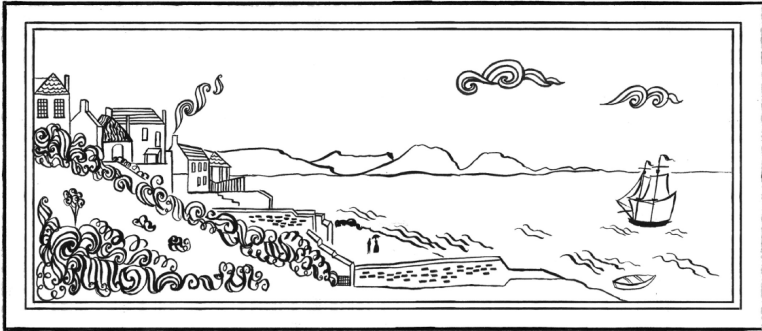


Prólogo



A carpintaria do Capitão Harville



Esta é uma aquarela de Lyme Regis, no litoral sul da Inglaterra. Chalés aninham-se na encosta. Um velho quebra-mar de pedra conduz até a linha da água. Um homem e uma mulher estão caminhando na praia e uma figura solitária contempla o mar. Um barco a remo segue seu caminho rumo a um navio fundeado na baía. O olhar é atraído para um panorama amplo de falésias inclinadas e céu aberto.¹

Jane Austen amava o mar. Segundo se conta, quando seu pai anunciou, em dezembro de 1800, que estava deixando o cargo de reitor da paróquia de Steventon e se retirando para Bath, ela ficou tão chocada que desmaiou. Jane só se reconciliou com a mudança quando a família prometeu tirar férias à beira-mar todos os verões. Em 1801 e 1802, eles foram para Sidmouth e Teignmouth, em Devon. Em 1803 e 1804, foi a vez de Lyme Regis.

“Os jovens estavam enlouquecidos para ver Lyme.”* Quando eles chegam, no capítulo onze de *Persuasão*, Jane Austen descreve a pequena estância balneária à beira-mar no estilo de um guia turístico: a baía aprazível, as novíssimas máquinas de banho, o famoso Cobb, a bela linha de falésias que se estende ao leste da cidade, os encantos dos “arredores imediatos” – a alta extensão de campo em torno de Charmouth, “a diversidade de madeiras da alegre aldeia de Up Lyme, e, sobretudo, Pinny, com seus abismos verdejantes entre românticas rochas [...] tão maravilhoso e encantador cenário é exibido que supera qualquer das paisagens semelhantes da mais que famosa Ilha de Wight”²

“Esses lugares precisam ser visitados e revisitados para que se compreenda o valor de Lyme”, Jane Austen diz a seus leitores. Ela havia visitado Lyme pelo menos duas vezes, testemunhando, numa ocasião, um incêndio que destruiu uma série de casas. Quando descreve o lugar em seu romance, ela está visitando-o de novo, dessa vez em sua imaginação. Sua descrição é o equivalente literário das gravuras de atrações turísticas populares que podiam ser obtidas com grande facilidade no florescente mercado gráfico da época – a versão da Regência para o cartão-postal.

Jane Austen se importava muitíssimo com a precisão. Queria que seus romances correspondessem à vida real. Ao ler o esboço de um romance de sua sobrinha Anna, assinalou que era um erro retratar pessoas em Dawlish fofocando sobre notícias de Lyme: “Lyme não serve – fica a uma distância de mais ou menos 65 quilômetros de Dawlish, ninguém falaria de Lyme por lá”³. Seus romances eram fincados no mundo real. A fim de criá-los,

* Os trechos citados de *Persuasão* são transcritos, aqui, da tradução de Celina Portocarrero. Porto Alegre: L&PM, 2011. (N.T.)

ela fazia uso da realidade que conhecia: as pessoas, os lugares, os acontecimentos. A célebre cena ficcional na qual Louisa Musgrove quase morre ao ser “saltada” dos degraus estreitos do Cobb não é baseada num incidente real, mas não poderia ter sido escrita se Jane Austen não tivesse visitado a Lyme real e memorizado sua topografia.

A descrição pitoresca das rochas românticas de Lyme não é, no entanto, seu estilo mais comum. E, neste caso, sua paixão pelo mar talvez a tenha levado a idealizar a realidade do lugar. “Fiquei decepcionada com Lime”, escreveu sua cunhada Mary para essa mesma sobrinha Anna, “pois, em função do Romance da sua Tia Jane, eu havia esperado um lugar bonito e limpo, ao passo que ele se mostrou sujo e feio.”⁴

A queda no Cobb, o diálogo de mau gênio em Box Hill, a escapada pelo valado além dos terrenos de Sotherton, o acidente na estrada com o qual começa seu último romance inacabado: as cenas ao ar livre, nos romances de Austen, são muitas vezes excursões dramáticas – envolvendo desventuras, transgressões, discussões, mal-entendidos, propostas –, ao passo que sua locação habitual é entre quatro paredes, dentro do mundo da conversação cortês, ainda que cheia de farpas, nas salas de visita e sobre as mesas de jantar. O capítulo onze de *Persuasão* não se detém por muito tempo no panorama à beira-mar. A narrativa segue os visitantes prontamente para dentro.

Não, contudo, para o interior de um casarão, do tipo que se tornou familiar nas adaptações para televisão e cinema dos romances de Austen (nas quais as casas são quase sempre maiores do que deveriam ser). “Junto ao pé de um velho quebra-mar de data desconhecida”⁵, diante do mar, em Lyme, há uma fileira de chalés. Entramos numa sala apertada, mas acolhedora. É a casa do capitão Harville, que se aposentou com saúde debilitada – resultado de um ferimento grave, sofrido em serviço naval durante a guerra que perdurou por quase toda a vida adulta de Jane Austen. Esta pequena e aconchegante moradia será revisitada mais tarde, mas, para um primeiro vislumbre da arte da observação minuciosa de Austen, considere-se um único detalhe:

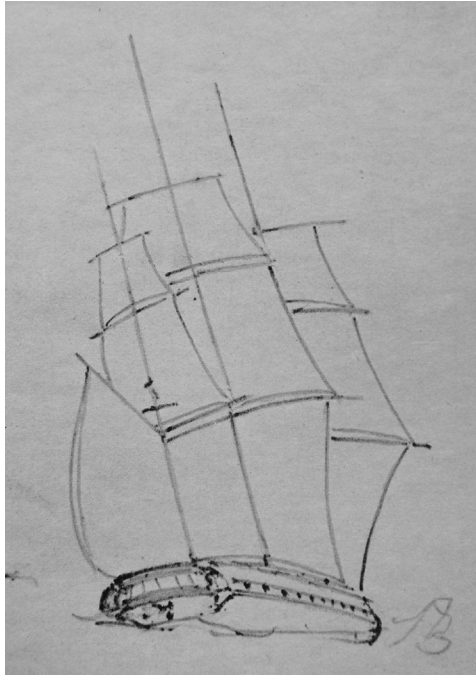
O capitão Harville não lia muito. Mas idealizara excelentes acomodações e instalara belas prateleiras para uma razoável coleção de volumes bem-encadernados, de propriedade do capitão Benwick. Sua claudicância o impedia de fazer muitos exercícios, mas um espírito prestativo e ingênuo parecia torná-lo permanentemente útil em casa. Desenhava, envernizava, construía, colava; fazia brinquedos para as crianças; criava agulhas e alfinetes aperfeiçoados e, se não havia mais o que fazer, dedicava-se à sua grande rede de pesca num dos cantos da sala.

Anne Elliot logo engatará o capitão Benwick numa conversa sobre livros, debatendo os relativos méritos dos dois poetas mais famosos do momento, Sir Walter Scott e Lord Byron. Ela sugere delicadamente que a poesia romântica pode não ser a leitura mais saudável para um homem de coração partido como Benwick – embora perceba a ironia de suas exortações por “paciência e resignação” à luz do seu próprio coração partido.

Mas é a carpintaria do capitão Harville que se fixa na mente: as prateleiras graciosamente modeladas, o verniz, a cola, os brinquedos para as crianças. Jane Austen cresceu em uma casa de livros e leitura, mas também vinha de uma família que valorizava trabalhos manuais, o ofício de fazer as coisas, fosse com agulha ou madeira.

O capitão Benwick lendo poesia em voz alta enquanto o capitão Harville conserta sua rede é uma pequena imagem de como ela imaginava um lar seguro e um senso de pertencimento. Seu círculo familiar era um lugar de línguas afiadas, riso e dedos em movimento, com um romance sendo lido em voz alta e todas as damas ocupadas com seus bordados. Tanto seu mundo como seus romances podem ser trazidos à vida pela textura das coisas, pela vida dos objetos.

* * *



Esboço de um navio da Marinha Real desenhado pelo sobrinho de Jane Austen, o capitão Herbert Austen

Em janeiro de 1852, o almirante Francis Austen recebeu uma carta da filha do reitor da Universidade Harvard. “Uma vez que alta autoridade crítica já pronunciou as composições de personagem na obra de Jane Austen como perdendo apenas para as de Shakespeare”, a srta. Quincy começava, “a admiração transatlântica parece supérflua; entretanto, pode não ser desinteressante para sua família receber uma garantia de que a influência de sua genialidade é amplamente reconhecida na República americana.”⁶ Ela estava escrevendo porque queria um autógrafo da grande romancista.

O almirante foi mais do que prestativo. Ficou encantado por saber que a “celebridade” das obras de sua falecida irmã havia alcançado o outro lado do Atlântico. Enviou não apenas uma assinatura, mas toda uma carta de Jane Austen. E alegremente forneceu um esboço de sua personalidade. Ela era jovial, não se

irritava com facilidade, era um pouco tímida com estranhos. Sua reserva natural era mal interpretada, por vezes, como arrogância. Era gentil e engraçada, sem nunca deixar de estimular “o júbilo e a hilaridade dos convivas”. Adorava crianças e as crianças adoravam-na: “Seus sobrinhos e sobrinhas, dos quais havia muitos, não podiam ganhar maior mimo do que se aglomerar ao redor e ouvir as histórias da Tia Jane”.

A srta. Susan Quincy compartilhou o conteúdo da carta de Jane Austen com sua irmã, que ficou “praticamente sem chão” de tanto entusiasmo. A conclusão, elas concordaram, só podia ser a de que o almirante Austen era tão fascinante que “deve ter sido igual ao capitão Wentworth na juventude”. Seria o irmão de Jane Austen, realmente, a inspiração para o herói de *Persuasão*? A srta. Quincy comunicou a resposta de sua irmã para o almirante idoso. Este respondeu que ficava muito lisonjeado, mas:

Não sei se no caráter do capitão Wentworth a autora pretendeu, em qualquer grau, delinear o de seu irmão. Talvez possa ter feito isso, mas de fato considero que partes do capitão Harville foram extraídas de mim; pelo menos a descrição de seus hábitos domésticos, gostos e ocupações apresenta considerável semelhança com os meus.

O almirante Austen não nega a possibilidade de que pudesse existir algum elemento de si mesmo – ou do outro irmão naval de Jane, Charles – no caráter do capitão Wentworth. Mas ele positivamente celebra o fato de que o trabalho manual do capitão Harville é o seu próprio.

Quando o bebê de Francis Austen nasceu, em 1807, ele mesmo cortou os tecidos para as roupas de dormir da criança. Em outra ocasião, de acordo com sua irmã Jane, “fez uma ótima franja para as cortinas da sala de visitas”. Como Harville, “torneava prata” de modo a fazer agulhas para redes de pesca. Quando Jane Austen observou seus jovens sobrinhos passando as noites fazendo redes para pegar coelhos, descreveu-os como sentados “lado a lado, como dois Tios Franks quaisquer poderiam fazer”.⁷ Jane também se lembrava de seu irmão Frank, como sempre o chamava, fazendo

“uma ótima pequena bateadeira de manteiga”⁸. Ele era perito em tornear madeira.

Não pode haver dúvida de que a carpintaria do capitão Harville é, ao mesmo tempo, um elogio a Frank e uma piada da família. Ao reconhecer a alusão depois da morte de Jane, o almirante Austen está dando aos leitores dela o direito de estabelecer associações entre as pessoas que sua irmã conhecia e os personagens que ela criou. Consequentemente, também nos dá licença para estabelecer ligações entre seus romances e os lugares que ela frequentou (e aqueles dos quais ouviu falar), isso para não mencionar os acontecimentos históricos durante os quais viveu.

Contudo, na biografia familiar “oficial” de Jane Austen, salienta-se que seu mundo era um mundo fechado em si, isolado, e que os personagens de seus romances eram sempre tipos genéricos, jamais baseados em indivíduos reais. O fundamento para essa leitura de sua obra foi lançado pelo irmão Henry na breve “Notícia biográfica da autora” que prefacia seus romances publicados postumamente, *A abadía de Northanger* e *Persuasão*: “Curta e fácil será a tarefa do mero biógrafo. Uma vida de utilidade, literatura e religião não foi de modo algum uma vida de acontecimentos”. Além disso, “seu poder de inventar personagens parece ter sido intuitivo, e quase ilimitado. Ela se valia da natureza; entretanto, por mais que se tenha deduzido o contrário, jamais de indivíduos”⁹.

A negação por parte de Henry dos grandes acontecimentos e da inspiração em “indivíduos” dizia respeito ao desejo dos clericais Austen de agir com discrição, decoro e reticência. Essa era a imagem da própria Jane Austen que a família pretendia estabelecer no domínio público. Reforçaram-na durante a era vitoriana por meio de um livro de memórias, publicado em dezembro de 1869 por James Edward Austen-Leigh, filho de outro de seus irmãos do clero, James. Jane Austen foi uma escritora das mais espirituosas, mas não há muitas piadas no registro oficial da família. O almirante Francis Austen era conhecido por sua falta de senso de humor, mas pelo menos ele consegue soltar uma piada no final de sua segunda carta para a srta. Quincy: “Não sou *vice-almirante* [*vice admiral*], tendo alcançado, nos últimos 3 anos, o posto mais alto de almirante. Eu gostaria de poder acreditar que, na mudança de posto,

deixei todos os *vícios* [*vices*] para trás”. Espantosamente, aqui ele parece estar recordando a piada mais questionável de sua irmã, acerca de “*Rears e Vices*” na marinha britânica.* Não era o tipo de assunto que poderia ter detido James Edward Austen-Leigh em seu registro devoto da vida supostamente tranquila de sua tia.

Esse livro de memórias da família inaugurou a tradição da biografia de vida inteira de Jane Austen. O texto avançava do berço à sepultura num ritmo monótono e com uma calma provincial. No século e meio desde sua compilação, estudiosos dedicados reuniram vários outros detalhes sobre a vida de Austen. Cento e sessenta de suas cartas sobrevivem, assim como cadernetas de bolso de membros da família, diários de conhecidos, as transações bancárias de seu pai.¹⁰ Com o benefício de tal material mundano, biografias e mais biografias seguiram o padrão de James Edward e rastream a vida cotidiana de Jane Austen de Steventon para Bath, para Chawton, para Winchester.¹¹

Este livro é algo diferente, mais experimental. Em vez de pormenorizar todos os fatos conhecidos, esta biografia se concentra numa variedade de momentos-chave, cenas e objetos tanto na vida como na obra de Jane Austen. Não começa onde o registro oficial da família começou, com o traçado da ascendência. Não procura sustentar a ilusão de que Austen conhecia pouco do mundo. Reconhece as lacunas em nosso conhecimento, bem como nas provas documentais. Vários milhares de suas cartas estão perdidos ou destruídos, e, por anos muito importantes de sua vida, não sabemos praticamente nada de seu paradeiro.

Além disso, esta biografia segue mais o exemplo de Frank Austen do que o de Henry. Sugere que, como quase todos os romancistas, Jane Austen criou seus personagens misturando observação e imaginação. Ela se baseou em pessoas que conhecia e experiências pelas quais passou. O capitão Harville não é um *retrato* de Frank, mas o personagem fictício é trazido à vida e tornado memorável pela adoção de uma característica particularmente encantadora de um indivíduo real: sua paixão pela carpintaria. Quando Austen escreve sobre ideias – as virtudes e os vícios da marinha britânica,

* O trocadilho se refere, por um lado, a contra-almirantes e vice-almirantes; por outro, a “traseiros” e “vícios”. (N.T.)

a denúncia do tráfico de escravos, o movimento evangélico –, ela o faz por meio da criação de personagens memoráveis, não escrevendo sermões. Sua simpatia pela abolição pode ser inferida não só daquilo que ela escreve em suas cartas sobre o ativista Thomas Clarkson, mas também das associações pró-escravidão de dois de seus personagens mais monstruosos, a sra. Norris e sra. Elton.

Jane Austen adorava, mais do que tudo, falar sobre as pessoas. Sabia um bocado sobre as vidas de sua família extensa, seus amigos e seus conhecidos mais superficiais. Quando contamos as histórias das vidas dessas pessoas, vemos Austen, de súbito, num cenário muito mais amplo do que aquele no qual é confinada pela versão de sua vida difundida pelos irmãos do clero. Somos transportados para as Índias Orientais e para o Ocidente, para a guilhotina na Paris revolucionária, para um mundo onde há escândalo de alta sociedade num momento e um caso insignificante de furto em loja no momento seguinte. Esta biografia segue Austen em suas viagens, que foram menos limitadas do que se costuma admitir, e a insere no contexto global bem como no inglês, no urbano bem como no rural, no político e histórico bem como no social e doméstico. Essas perspectivas mais amplas foram de uma importância vital e ainda subestimada para sua vida criativa.

Kingsley Amis, um romancista cômico cuja admiração por Austen era enorme, escreveu certa vez que “aqueles que conhecem meus romances e a mim sabem que eles são firmemente não autobiográficos, mas, ao mesmo tempo, cada palavra deles inevitavelmente diz algo sobre o tipo de pessoa que sou”.¹² É com esse espírito que deveríamos interpretar a relação entre os romances de Jane Austen e seu mundo.

As opiniões de seus personagens não são as dela. Os escritos em que Jane expõe seu eu verdadeiro mais diretamente são suas cartas. Quando sua devotada sobrinha Fanny Knight morreu, em 1882 (por essa altura, chamava-se Lady Knatchbull), Lord Brabourne, filho de Fanny, topou com um tesouro: o manuscrito original de *Lady Susan* “na própria caligrafia de Jane Austen” e:

uma caixa quadrada cheia de cartas, amarradas com cuidado em pacotes separados, cada um dos quais era endossado

“Para Lady Knatchbull”, na caligrafia de minha tia-avó, Cassandra Austen, e junto havia um embrulho endossado, na caligrafia de minha mãe, “Cartas de minha querida Tia Jane Austen, e duas de Tia Cassandra após sua morte”, embrulho esse que continha as cartas escritas à minha própria mãe.¹³

Essas cartas, Brabourne sugeria, “contêm os derramamentos confidenciais da alma de Jane Austen e de sua irmã amada, intercaladas com muitos detalhes familiares e pessoais que, sem dúvida, ela não teria contado a nenhum outro ser humano”. Com a morte de sua mãe, chegara o momento propício para sua publicação. O talento único da “inimitável Jane” (como um velho amigo meu costumava sempre chamá-la), Brabourne argumentou, era o fato de que ela “descreve homens e mulheres exatamente como homens e mulheres realmente são, e conta sua história de vida comum e cotidiana com composição tão verdadeira, tamanha simplicidade sedutora e, além disso, com tamanha pureza em estilo e linguagem, tudo num grau que raras vezes foi igualado, e talvez nunca superado”.

Por esse motivo, o que poderia ser mais adequado do que a publicação “das cartas que mostram o que era sua própria ‘vida comum cotidiana’, e que proporcionam uma imagem dela tal como nenhuma história escrita por outra pessoa poderia transmitir tão bem?”. “É certo”, Brabourne concluiu, triunfante, “que agora sou capaz de apresentar ao público um material inteiramente novo, do qual poderá ser recolhido um conhecimento mais pleno e mais completo de Jane Austen e de seus ‘pertences’ do que poderia ter sido obtido de outro modo”.¹⁴

Todos os biógrafos posteriores fizeram amplo uso das cartas. No entanto, uma nova leitura delas revela uma série de detalhes e conexões até agora negligenciados, mas significativos, entre eles um ato crucial de apadrinhamento literário, as consequências momentosas de um testamento e a evidência do conhecimento de Austen da história extraordinária da adoção de uma garota negra pelo juiz abolicionista Lord Mansfield.

A visão de Lord Brabourne sobre sua tia-avó como a romancista inimitável da “vida comum cotidiana” se tornara uma

opinião corriqueira ao final da era vitoriana. É derivada, em última instância, da avaliação mais importante da obra de Austen escrita em sua própria vida: um longo ensaio-resenha sobre a publicação de *Emma*, discutindo também *Razão e sentimento* e *Orgulho e preconceito*, de autoria de Sir Walter Scott, o romancista mais celebrado em toda a Europa (embora, àquela altura, ele ainda estivesse publicando sua ficção, como a própria Austen, sob o véu do anonimato). O ensaio de Scott voltará a ser discutido mais para o final deste livro, mas sua ideia principal é, de fato, a forte alegação de que Jane Austen foi a primeira romancista da história a oferecer uma representação precisa do “andamento da vida comum”. Ela apresenta ao leitor, “em vez das cenas esplêndidas de um mundo imaginário, uma representação correta e impressionante do que ocorre diariamente em torno dele”. Scott conclui que “o conhecimento do mundo por parte da autora, e o tato peculiar com o qual apresenta personagens que o leitor não poderá deixar de reconhecer, nos traz à mente algo dos méritos da escola flamenga da pintura. Os temas não costumam ser elegantes, e certamente nunca são grandiosos; mas revelam um acabamento natural, com uma precisão que deleita o leitor”.¹⁵

A “representação correta e impressionante” das cenas da “vida comum”, elaborada com precisão, tato e minúcia: essa é, de fato, a essência da arte de Austen, assim como no realismo da pintura holandesa. Vermeer cria a sensação de um mundo real por meio de uma carta aberta, um brinco de pérola, uma janela de treliça, um jarro e uma toalha de mesa, um instrumento musical. Nesse mesmo sentido, os objetos desempenham um papel fundamental no ato de trazer à vida os mundos ficcionais de Austen.

Minha inspiração para escrever este livro veio de dois momentos primorosos de *Mansfield Park*, citados anteriormente como epígrafes. Primeiro vem a pequena sala de estar de Fanny Price, concretizada por certos objetos cuidadosamente escolhidos.

Postadas sobre as vidraças, há três imagens de cenas românticas – a ruína de Tintern Abbey, uma caverna erma na Itália e um lago enluarado na região campestre de Wordsworth – sob a forma nova e em voga das “transparências”. Em *Um ensaio sobre impressões transparentes e transparências em geral*, publicado em 1807,

certo Edward Orme alegava ter inventado a técnica por acidente, quando deixou cair um pouco de verniz sobre a parte escura de uma gravura, e, “depois de ser exposto novamente à luz, o ponto onde o verniz havia sido derramado formou uma luz no meio da sombra”.¹⁶ A presença das imagens sugere a sensibilidade romântica de Fanny.

Em cima da lareira paira uma coleção de “perfis” da família: esse era outro meio artístico em voga e não elitista, a silhueta, uma forma de retratismo que será discutida no capítulo um. A família Austen, muito unida, estimava seus perfis e miniaturas, que eram os equivalentes das fotografias emolduradas de entes queridos em uma casa moderna.

Além dos perfis, afixado na parede pela própria Fanny, encontra-se o objeto que faz do quarto uma legítima propriedade dela: o “pequeno esboço de um navio enviado do Mediterrâneo por William quatro anos antes, com *H.M.S. Antwerp* na margem inferior, em letras tão compridas quanto o mastro principal”. Assim como Jane Austen se correspondia constantemente com seus irmãos quando eles estavam longe, no mar, preocupando-se com sua sobrevivência em face da guerra e das condições climáticas, Fanny também permanece perto de seu irmão aspirante por meio do esboço na parede. Embora a ação do romance só saia raras vezes dos limites de Mansfield Park, os objetos transportam o leitor para um cenário mais amplo.

Na segunda passagem, Fanny investe todo seu amor aparentemente não correspondido por Edmund em dois outros pequenos objetos: um pedaço de papel e uma simples corrente de ouro. As pequenas coisas, no mundo de Jane Austen, não se limitam a evocar lugares distantes. Elas também podem ser portadoras de grandes emoções. As emoções intensas associadas com amor e morte costumam ser refletidas em objetos. Cartas e lembrancinhas são de grande importância nos romances: o foco sobre um objeto é, muitas vezes, um sinal para o leitor de que aquela é uma sequência-chave no desenrolar emocional da narrativa. Esta biografia é uma tentativa de escrever a vida de Austen de acordo com o mesmo princípio. Seguindo o exemplo da carpintaria do capitão Harville, cada capítulo começa com uma coisa real,

algumas dessas coisas saídas direto de sua vida, outras evocadas por seus romances. Esses objetos e essas imagens lançam nova luz sobre a vida de Austen e seus personagens ficcionais, sobre o funcionamento de sua imaginação e sobre a configuração de seus incomparáveis mundos ficcionais.